

Organizado por Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha e Neusa Monteiro

Porque jamais existiu uma Idade Média e temas afins

Um livro para quem gosta de Filosofia

Achados e perdidos da História do Ocidente

Entre o século V d.C e o século X o Império Romano perdeu o Norte de África e o Próximo Oriente, conquistados pelos Árabes Muçulmanos, mas incorporou o Norte e o Leste do continente: essa foi a construção geográfica e política da Cristandade, depois chamada Europa e Ocidente. Uma vez construída entrou em apogeu até ao século XV, seguindo-se a expansão dessa civilização no que foi a primeira globalização. Nesse processo o Império Romano não acabou, mas perdurou nos Reinos Carolíngios, no Sacro Império, no Bizantino, e na Terceira Roma de Moscou: os governantes dessas potências intitulavam-se “Imperador dos Romanos”; seus povos não consideravam que viviam numa Idade Intermédia: era uma continuidade com mudanças. Porém, na reação negativa contra essa cultura e sociedade (desde o século XVII) muito se perdeu do modo de ver o mundo. O que nos diz este livro, pelas mãos e percepções dos alunos que o escreveram, e pela orientação e concepções dos seus mestres, é que essa cultura, a que chamam medieval, e na qual temos origem, tinha olhares sobre o mundo que podem ser recuperados e ampliados. Ao propor aos jovens estudantes que publiquem sua autonomia no pensar, a universidade lhes mostrou este caminho: a cultura que foi matriz do Ocidente continua à nossa volta (por exemplo, na literatura de cordel, nas Festas religiosas). Não é a mesma de antes, mas dá-lhe continuidade e ilumina novas realidades com luzes perdidas – e retomadas. Nestes trechos curtos, que podem ser lidos em separado para meditar e refletir, revemos idéias, procuramos respostas, que buscamos no fundo de nós mesmos: nós que, ainda hoje, somos movidos, em geral de forma inconsciente, por reminiscências de gerações históricas. Procura-se um patrimônio intelectual quase perdido para nos orientar num futuro que ainda não encontramos. São jovens, têm tempo para descobrir e acertar.

João Lupi

Porque jamais existiu uma Idade Média e temas afins

Um livro para quem gosta de Filosofia

Organização

Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha

Neusa Monteiro



Florianópolis
2016

Capa, Imagens, Projeto Gráfico e Editoração Eletrônica

André Bogdan - Aloby

Todas as imagens contidas nesta obra são de autoria de André Bogdan - Aloby, cedidas para esta publicação.

Edições do Bosque Gestão 2012-2016

Ana Lúcia Campos Brizola

Paulo Pinheiro Machado

Conselho Editorial

Arno Wehling - Universidade do Estado do Rio de Janeiro e UNIRIO

Edgardo Castro - Universidad Nacional de San Martín, Argentina

Fernando dos Santos Sampaio - UNIOESTE - PR

José Luis Alonso Santos - Universidad de Salamanca, España

Jose Murilo de Carvalho - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Leonor Maria Cantera Espinosa - Universidad Autonoma de Barcelona, España

Marc Bessin - École des Hautes Études en Sciences Sociales, France

Marco Aurélio Máximo Prado - Universidade Federal de Minas Gerais

*Catálogo na fonte
pela Biblioteca Universitária da
Universidade Federal de Santa Catarina*

Sobre as Edições do Bosque

As Edições do Bosque tem como foco a publicação de obras originais e inéditas que tenham impacto no mundo acadêmico e interlocução com a sociedade. Compõe-se de um conjunto de Coleções Especiais e volumes independentes acessíveis através do repositório institucional da Universidade Federal de Santa Catarina. A tônica da editoria é aproximar os autores do público leitor, oferecendo publicação com agilidade e acesso universal e gratuito através dos meios digitais disponíveis. Edições do Bosque conta com a estrutura profissional e corpo científico do Núcleo de Publicações (NUPPE) do CFH/UFSC.

Endereço: Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina. Campus Universitário - Trindade. 88040-970 Florianópolis - SC, Brasil.

<http://nuppe.ufsc.br/>
nuppe@contato.ufsc.br

P837 Porque jamais existiu uma Idade Média e temas afins: um livro para quem gosta de Filosofia / Organização, Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha, Neusa Monteiro. - Florianópolis : Edições do Bosque/CFH/UFSC, 2015. 104 p. : graf., tabs.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-85-60501-22-9

1. Filosofia. 2. Idade Média - Filosofia. I. Cunha, Mariana Paolozzi Sérvulo da. II. Monteiro, Neusa.

CDU: 1



Este obra está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional



*Dedicamos este livro
a todos os estudantes desejosos
de novas formas
de viver e de estudar.*

Agradecimentos especiais a:

Aline Dias Silveira e aos participantes
do Núcleo Interdisciplinar de
Estudos Medievais (Meridianum),
que proporcionaram aos
nossos encontros espaço
de debate e boas risadas;

André Bogdan, que por amor à arte
cuidou de todo o projeto gráfico;

Érico Hélio dos Santos (sem ele
impossível contatar os estudantes);

Luiz Otávio Pimentel
pelos esclarecimentos prestados
quanto a direito autoral;

Michelle Bellato, a quem
devo o incentivo inicial para
a elaboração do livro;

Neusa Monteiro, que ajudou a
operacionalizar o trabalho;

Sérgio Sérvulo da Cunha, que
fez a revisão final do texto;

e a todos os estudantes
colaboradores do trabalho.

Sumário

08	Apresentação
18	Seção 1 Por que jamais existiu uma Idade Média? É preciso retratar o passado (histórico e pessoal)?
28	Seção 2 Qual sua concepção pessoal de filosofia?
40	Seção 3 Interioridade e noção de Pessoa: O que mais chama sua atenção no diálogo de você para com você?
50	Seção 4 A verdade existe? Como está relacionada à sua vida?
64	Seção 5 O que é a morte?
76	Seção 6 É preciso desconfiar da própria razão?
86	Seção 7 O amor, tal como a democracia e o computador, foi inventado? Por que o século XII é chamado o século da invenção do amor ?
98	Seção 8 O livre-arbítrio e a liberdade manifestam-se na sua experiência?

Apresentação

Todos os temas deste livro relacionam-se, de certa forma, aos questionamentos sobre a “não existência” da Idade Média. É isso mesmo. A partir da discussão sobre a necessidade de uma nova cronologia para nossa história, e a partir de reflexões principalmente sobre os períodos patrístico (notadamente Agostinho) e escolástico, foram apresentados aos alunos diversos assuntos que, não obstante relacionados ao nosso dia-a-dia (trivial ou não), têm a ver com esses períodos.

A estereotipia Idade Média igual a “astenia cultural”, “domínio irrestrito da Igreja”, ou “fanatismo religioso” vem retrocedendo. A Idade Média concebida como Idade das Trevas - um desses desvios históricos cuja anomalia o distanciamento torna cada vez mais patente - lentamente perde força. À lenda negra dos renascentistas e iluministas contrapõe-se a lenda rosa dos românticos: a Idade Média representaria não a derrocada (barbárie), mas o auge da civilização ocidental, em que se teriam realçados os valores espirituais.

Todavia, nem negra, nem rosa, podemos ir mais além: não teria existido período mediano algum, de 1000 anos (a Idade Média), ou um hiato entre a civilização da Roma antiga e a nova Europa civilizada. Não se trata apenas de uma questão terminológica (a expressão “Idade Média” já seria em si mesma preconceituosa e arbitrária) e, portanto, de criticar uma cronologia hoje obsoleta, que divide a História Ocidental, a partir de uma visão eurocêntrica, em três períodos presos a uma camisa-de-força conceitual (História Antiga, Medieval e Moderna).

Os avanços historiográficos corroboram a tese de que não existiu

esse período ‘intermediário’ (ou médio) de 1000 anos como um período autônomo de tempo, e, portanto, como uma realidade histórica. Trata-se de uma categoria mental, ou de um mito, que na verdade obstaculiza a compreensão do passado e do nascimento do mundo ocidental. O que está em jogo, portanto, é nossa autocompreensão.

Conforme lembrará G.Barraclough¹, uma vez que nossas classificações do tempo histórico são artificiais e não definitivas, estão sujeitas à revisão.

O conceito “Idade Média” é recusável e deveria ser suprimido: ele nos distancia “uma” época - cuja realidade histórica como unidade é questionável -, tornando-a remota e distinta, como um período que, hoje, pouco tivesse a ver com nossas vidas e destinos. No entanto, foi aí que os alicerces da nossa civilização se lançaram...

A fim de se apontar o entrelaçamento (ou nossa ligação) com esse passado-presente, foram selecionadas algumas perguntas que se apresentaram aos alunos com as respectivas respostas. Essas perguntas remetem a assuntos que já têm uma longa, longuíssima história; demonstrar isso foi um de meus intuitos. A cada pergunta farei uma breve introdução, passando em seguida a palavra a meus alunos.

Modo como o livro foi preparado

Para este trabalho foram escolhidas, inicialmente, oito perguntas. Nem todas foram apresentadas a todos os alunos, isto é, nem todos os alunos responderam a todas as perguntas. As respostas foram recolhidas ao longo de três anos e ao final foram entregues a quatro alunos: Lucas Campi; Mário Machado; Mateus Capelo e Neusa Monteiro. Responsáveis por selecionar, da resposta completa de cada aluno, trechos que

1. *Europa: uma revisão histórica*. Rio de Janeiro : Zahar, 1964, p. 78

considerassem mais significativos, eles, por fim, lhes atribuíram uma sequência. Em seguida, a meu pedido, buscaram alguma poesia, música, pensamento, que sintetizasse o conteúdo das respostas dos alunos (e que, quando houver, aparecerá ao final de cada grupo de respostas).

Mas, antes da resposta dos alunos, foi feita uma exposição sobre o tema de cada pergunta, com a finalidade de apresentar ao discente um contraponto ou base ao pensamento contemporâneo, a partir do pensamento de Agostinho ou de algum autor escolástico. A seguir apresento a lista de questões e breves comentários para situar o leitor no ambiente da discussão.

As inovações de consciência, com relação à Antiguidade, foram o norte principal das exposições. É o caso, por exemplo, da noção de pessoa. Uma vez que na Antiguidade inexistia esse conceito, transposto paulatinamente do campo da teologia para a ética, seu claro surgimento no séc. V implicará novas práticas sociais: a incoativa valorização das mulheres (como se sabe, no mundo romano, por exemplo, elas não eram sujeito de direito, tal como os escravos), viúvas e crianças, por exemplo, sem falar no controverso tema da supressão - senão integral, parcial - da escravidão e a introdução da servidão (a condição do servo pode ser tida como superior à do escravo).

A própria noção de amor - podemos pensar aqui no fino amor, ou amor cortês do séc. XII - estabelecerá modelo inédito de relacionamento entre homem-mulher que muito influenciou nosso comportamento atual. A ética da intenção (de Abelardo), fundada na mesma base da noção de pessoa (a consciência de si), provocará um choque subversivo. Enfim, isso tudo contribuirá para o despertar da consciência em nossa cultura, deixando claro, mais uma vez, que o filosofar e a filosofia fazem parte de nossa identidade civilizatória.

Passemos às questões.

Perguntas

1 - Por que jamais existiu uma Idade Média? É preciso retrair o passado (histórico e pessoal)?

Tendo sido o contexto dessa questão abordado na apresentação, avancemos para a próxima pergunta.

2 - Qual a sua concepção pessoal de filosofia?

Antes dessa pergunta ser apresentada aos alunos, discutiu-se a concepção de filosofia em Agostinho (354-430). Debateu-se a atualidade ou não de sua obra, enfatizando-se a união entre pensamento e ação, teoria e práxis, tal como se apresenta no pensamento agostiniano; e discutiu-se também em que medida pode-se afirmar a legitimidade filosófica de uma doutrina que funde filosofia e teologia. Na linha do pensamento dos antigos, a filosofia para Agostinho pode ser considerada um modo de vida e não uma atividade teórica tal como costuma ser concebida hoje de modo geral. Agostinho, que, juntamente com Boécio, foi um dos autores mais lidos até o séc. XIII, deixará um programa intelectual para a posteridade.

3 - O que mais chama sua atenção no diálogo de você para com você?

Difícilmente o “eu”, na Antiguidade - ou tal qual virá a ser concebido, como pessoa - foi tomado como objeto de investigação e reflexão.

A noção de interioridade, que o acompanha, foi paulatinamente elaborada ao longo do tempo. Por exemplo, se o gênero literário autobiografia já existia na Antiguidade, com Agostinho adquire contorno próprio: nas *Confissões* (escritas por volta dos anos 397-401 d. C.) ele fala também de si, de sua terra, de seus amigos, de sua intimidade e interioridade, de um modo antes inabitual.

O conceito cristão de pessoa, cuja análise precedeu a apresentação dessa pergunta, remete à consciência de si e a uma compenetração de presenças: a presença a si e a relação consigo, a presença ao outro e a relação com o outro, a presença ao transcendente e a relação com o transcendente.

As respostas dos alunos a essa questão não deixam de surpreender: retratam uma familiaridade e estranheza consigo próprio e com o outro, presença ante o conhecido/desconhecido.

4 - A verdade existe? Como se relaciona à sua vida?

A discussão relativa a essa questão foi precedida pela apresentação do debate de Agostinho com os céticos acadêmicos. A refutação do ceticismo, quando pensada a partir do cogito agostiniano - “Fallor, ego sum” (“Se me engano, sou”) - conduzirá à afirmação daquele que não apenas se engana, mas existe, vive, pensa, recorda-se, julga, duvida (esses são alguns pressupostos da possibilidade de se enganar). Em outras palavras, o reconhecimento da existência da verdade se dará também a partir do reconhecimento indubitável dos dados da consciência. É o que nos mostra o próprio ato de duvidar: “Quem duvidará que vive, que recorda, que entende, que quer, que pensa, que sabe e que julga? Pois, se duvida, vive; se está em

dúvida acerca daquilo de que duvida, lembra-se (ou tem consciência disso); se duvida, sabe que está duvidando; se duvida, é porque quer ter certeza; se duvida, pensa; se duvida, sabe que não sabe; se duvida, julga que não deve assentir temerariamente.” (*De trinitate* X, X, 14). Se a própria certeza da dúvida fosse posta em dúvida, já não haveria mais do que duvidar (e a própria dúvida se tornaria impossível)...

Passando às respostas dos alunos, como veremos a seguir, o que prevalece (espírito da época?) é um relativismo e desconhecimento do que seja a própria noção da verdade, ou seja, o desconhecimento do significado da ideia de universalidade (uma verdade é a mesma e ela própria independentemente do período, do local, do falante, etc..).

5 - O que é a morte? Como você relaciona-se com ela?

O interesse em discutir esse tema surgiu da leitura das passagens relativas à Idade Média presentes na obra de Philippe Ariès, *História da morte no Ocidente*².

P. Ariès faz uma distinção entre “morte domada” e “morte selvagem”. A ideia de uma morte domada caracterizaria, de modo geral, a morte no longo período entre os séc. V - XV, quando ela era vista como algo familiar e presente no cotidiano. No entanto, lentamente, ela irá adquirindo caráter mais dramático (já a partir do séc. XVIII); tem início um processo de escamoteamento e silenciar da morte, típico do séc. XX. A morte solta seus

2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

grilhões e passa a atemorizar, revestindo-se de alto grau de insuportabilidade; enfim, torna-se morte selvagem (não mais domada) e propaga-se por todo o Ocidente um novo tabu: o do seu interdito.

Ocorrerá uma alteração no lugar da morte, inclusive físico: já não se morre em casa, em meio aos seus, mas sim no hospital, geralmente sozinho. Vai-se ao hospital não para ser curado, mas precisamente para morrer. A morte no hospital torna-se decisão voluntária dos médicos e da família e não mais é ocasião de uma cerimônia ritualística presidida pelo moribundo, em meio à assembléia de seus parentes e amigos.

Ao longo dos séculos V - XV, entre vários matizes, não predomina uma concepção individualista da morte, ela é sobretudo vivida coletivamente e considerada uma questão comunitária. Conforme dirá P. Ariès (2012, p. 105): “Apenas a partir dos séculos XIX e XX a recusa ou o pavor da morte invadirá extensões inteiras da civilização ocidental”.

Como veremos adiante, essas palavras podem ser corroboradas pelos depoimentos dos alunos. Se a morte já foi um espetáculo público do qual ninguém pensaria em se esquivar, hoje é importante que a sociedade, a vizinhança, os amigos, os colegas e as crianças se apercebam o mínimo possível de que alguém morreu. As manifestações de luto são condenadas e desaparecem; o luto solitário e envergonhado é o único recurso...

Conforme relata P. Ariès (2012, p. 97): “O morto perde seu lugar eminente reconhecido pela tradição durante milênios”. Em suma, o modo como morremos e a concepção que temos da morte expressa a ideia que fazemos de nós, como indivíduo e coletividade.

6 - É preciso desconfiar da própria razão?

Antes de ser apresentada essa questão, discutiu-se a posição de Agostinho quanto ao tema. Uma vez que a razão não é onipotente e não basta a si própria - para Agostinho isso está claro - importa identificar seu papel, alcance e limite. Em Agostinho, a aliança da razão com a fé não implica sua auto-anulação, pois o fim último da fé não é ela própria, mas sim a inteligência.

Se a razão é inseparável da fé em seu exercício, Agostinho dirá que a fé diz respeito não apenas às verdades reveladas. A fé estaria presente em todos os domínios da vida, não seria apenas uma adesão à verdade revelada e expressão de religiosidade. Basta pensarmos, por exemplo, no caso das verdades científicas que não aferimos pessoalmente, mas baseados na autoridade de algum cientista. Assim, a fé faria parte do processo de aquisição do conhecimento (como uma etapa do processo cognitivo). Essa fórmula, estranha aos partidários de uma razão soberana, passará a ser a marca distintiva do itinerário agostiniano rumo ao conhecimento; sim, é preciso desconfiar da razão (e também da fé).

7 - O amor, tal como a democracia e o computador, foi inventado? Por que o século XII é chamado de século da invenção do amor?

A discussão dessa temática foi inspirada, inicialmente, pelas reflexões de M.D. Chenu³: o amor cortês seria mais uma manifestação do século XII como século da invenção do amor,

3. O Despertar da consciência na Idade Média. São Paulo: Loyola, 2006, p. 31.

período em que floresceram várias doutrinas e experiências sobre o amor (amor cristão; amor cortês...). Esses acontecimentos caminhariam em paralelo ao desenvolvimento da noção cristã de pessoa e de interioridade, levando-se em conta que o lugar do amor pode ser considerado, por excelência, o lugar da intimidade e da interioridade.

É apenas quando a ideia de indivíduo - concebido paulatinamente como pessoa - está desenvolvida de modo mais pleno, que se abre espaço, por exemplo, para a experiência do chamado amor fino, ou cortês.

O amor cortês remete a um conjunto de atitudes e etiqueta (cortesia) que enaltecem o amor, e que gerou vários gêneros de literatura, incluindo o romance. Surgiu nas cortes ducais e principescas das regiões onde hoje está a França meridional, e remete a um modelo de relação (não conjugal) entre um homem e uma mulher. Segundo alguns estudiosos, a conduta do homem com relação à mulher teria se modificado, impregnando-se de cortesia (gentileza). Isso teria envolvido um refinamento dos costumes, contribuindo para civilizar o período.

Se o amor tornou-se uma das marcas da cultura ocidental, e hoje está hiperinflacionado (quem não ama, ainda mais eroticamente, estaria amputado de sua melhor parte...)⁴, nem sempre foi um ideal. Sem entrar na discussão dos significados do termo, as feições do amor no mundo contemporâneo estão atreladas ao influxo, sem dúvida alguma, de três importantes ocorrências: o amor cristão; o amor cortês; o amor romântico. A despeito da universalidade ou não do amor, e de suas reinvenções históricas, o século XII nos traz importantes pistas para compreender esse amor propalado por todas as partes...

8 - O livre-arbítrio e a liberdade manifestam-se na sua experiência?

Questão fora de moda hoje em dia, esmaecida pela injunção dos determinismos contemporâneos (marxismo, freudismo, darwinismo), foi discutida amplamente por Agostinho para combater o fatalismo e o determinismo de seu tempo (estoico, principalmente).

Tal como a ideia de verdade, sua recusa prepondera entre os alunos.

Admoestação final

Este livro pode ser lido de várias formas e em diversos lugares. Na reclusão do quarto (o que favorece sua leitura integral e contínua); no banheiro, no ponto de ônibus, na praia, no próprio ônibus... (em partes, lenta e esporadicamente).

Assim, têm a palavra os alunos.

Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha

4. V. Costa, J. F. Sem fraude nem favor. Estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro : Rocco, 1998.

Por que jamais
existiu uma
Idade Média?
É preciso
retrair
o passado
(histórico e
pessoal)?

Barraclough aponta Andreas Cellarius, historiador alemão do século XVII que cunhou a expressão “Idade Média” para designar o período que separa de um lado a civilização da Roma antiga e de outro a nova Europa civilizada, como responsável pelo enquadramento da história entre 476 e 1453 em um único bloco capaz de conter mil anos de fatos e feitos do homem ocidental. No escaninho medievo de Cellarius estão guardados relatos de barbárie, ignorância e muita intolerância, apontando para mais um período de crise do espírito e da moral humana.

A categorização de Cellarius é uma categorização apressada, dessas que a gente faz ao juntar coisas que não consegue classificar. É somente a partir do século XIX, pelas mãos dos românticos, que esse bloco fechado de acontecimentos ressurgiu para nos desafiar; é aos pesquisadores desse século que devemos a libertação de pensamentos inquietos, aprisionados na escuridão à espera de se revelarem.

Neusa Monteiro

Teríamos que conhecer o fim de toda história humana para assim estabelecer o que viria a ser um meio. O que parece improvável, senão impossível.

Também não é possível que ocorra um “depois” que não tenha um “antes” como condição.

Dessa maneira, percebemos que a idade medianão é um meio de nada, antes, é uma continuidade de mudanças/transições do que viria a ser a renascença, o iluminismo e tantas outras maravilhas do desenvolver humano que se arrolam uma história contínua da humanidade até o presente.

Schirlei Russi von Dentz

Assim, a expressão “Idade Média” é artificial e arbitrária... Não passa de um conceito, uma categoria mental conveniente e não uma realidade.

Mario César Firmino

Isso tudo reflete a idéia de que os homens modernos são melhores que seus antepassados “medievais”, que superaram um período onde tudo estava subjugado à escuridão da religião.

Como se tivéssemos adentrado numa era onde tudo fosse perfeito (...). É praticamente impossível que uma civilização permaneça por tanto tempo estática, como se quer representá-la com essa idéia de mediania. Como sonegar a produção artística desse período? Como negar a contribuição filosófica que nos chega até os dias atuais? Como se desvencilhar de um pensamento que continua contribuindo com nossas reflexões contemporâneas?

Messias Silva Manarim

Mesmo que projetemos a situação mais absurda e extrema – todos os seres humanos na idade média parados olhando para os céus, sem nada produzir intelectualmente e artisticamente – ainda assim haveria a produção de um belo saber: o auto-conhecimento.

Dessa forma, vejo que o problema talvez esteja nos valores atribuídos pelos historiadores que desconsideraram determinados saberes. Logo, não desprezo o trabalho de escrever sobre o passado, no entanto faz-se necessário salientar que sempre serão retratos pobres e infinitamente distantes da verdadeira experiência vivida na época. Em outros termos, serão sempre um tipo de ficção!

Lucas Beligni Campi

...porque ainda hoje nos satisfazemos com uma idéia de Idade Média (e do próprio passado) de forma tão pesada, e a repetimos nas escolas, filmes, conversas, leituras? Por que queremos essas verdades estéreis?

Mateus dos Santos Machado

...dos valores aos quais estamos acostumados a dar o nome de modernos (por exemplo: o desenvolvimento técnico, a busca da liberdade, o individualismo, entre outros), é possível verificar que a maioria não surgiu na Idade Moderna, pois nos séculos XII e XIII já podem ser observados...

Compreendo esse período como um processo de continuidade, não havendo um retrocesso cultural.

Paulo Valente Ferreira Neto

O que não nos ensinam é por que a História Antiga e a História Moderna têm um caráter positivo e a “Idade Média” um caráter negativo. Se a história é contínua, como ela pode ter períodos de transição? Se o homem evolui com o passar do tempo, por que durante “mil anos” não evoluiu? Por que teria se tornado um “bárbaro”, como nos diz a própria história?

Caroline Claudiana Pinheiro

Foi uma Idade como as outras: marcada pela diversidade... Claro que é necessário que haja uma classificação de forma estereotipada, mas buscando ao máximo que ela corresponda à realidade daquele momento. Assim, faz-se necessário retrair o passado...

Messias Silva Manarim

Muitas vezes essas datações são feitas para simplificar o entendimento, porém, omitindo dados importantes que caem no esquecimento, alterando de forma significativa o conhecimento que nos chega.

Marcelo Tanaca

A Idade Média na qual acreditei, mais por ingenuidade da infância do que por omissão, é cheia de histórias e contos que se misturavam com a imaginação fértil que tomava tudo como realidade, os castelos e reis, os guerreiros e as grandes batalhas. Então essa impressão pouco se modificou na escola, que deveria contribuir para formar uma imagem mais clara e crítica a fim de desobscurecer as mentes entorpecidas com inverdades, ...observo que houve um boicote a esse tipo de iniciativa e que o interesse maior era por poder e dominação, como ficou claro nos processos transitórios entre o feudalismo, monarquias e tantas outras articulações de poder impostas pela força da espada.

Gean da Rosa

O passado é parte essencial de nossa história, não somos (completamente) individuais, temos em nós algo que não é nosso, algo que veio dele, de alguém, ou de algo...

Iago Mello Batistela

Fazer um resgate do passado é o mesmo que achar um tesouro perdido, este lhe abre novos caminhos e fundamentos para realizações futuras. A importância de um resgate do passado reflete-se no campo historiográfico e pessoal. No primeiro, para que um conhecimento possa ser transmitido para a comunidade através do passado, e que essa possa ter uma identidade... Já no campo pessoal, se faz necessário para o engrandecimento e amadurecimento do indivíduo.

Ismael A. J. S. Bagatoli

Qual sua
concepção
pessoal de
filosofia?

A filosofia nasce da
ignorância, da noite escura e
do ventre em dor; dá seu grito
de guerra quando a agonia
cessa, abre o olho quando o de
quem pariu fecha, assusta-se
com a coisa incerta, espanta-se
com o sol se pôr.

Neusa Monteiro

A ignorância é o começo
da Filosofia, a sabedoria
é só o fim. Ou não?
Felipe Afonso Scurato Silva

Aristóteles dizia que a filosofia
nasce da admiração, do espanto – e
eu não poderia deixar de concordar.

Flávio Ricardo da Silva

Não sei ao certo os motivos, mas sempre que penso na
palavra filosofia, me vem à mente a imagem de um
deserto. Talvez porque a encare como sinônimo de
busca constante, algo sem fim (assim, como um
indivíduo que tenta atravessar um longo deserto – sua
vida é insuficiente para isso; passará o tempo que for,
se perderá e não encontrará as respostas ou a saída). Na
prática universitária me sinto num culto religioso
conservador e dogmático, onde o falante está repleto de
certezas; aos ouvintes só cabe ouvi-lo e aceitar. Na
universidade o deserto vira templo.

Lucas Beligni Campi

Sabe quando você olha as palavras e
percebe que elas são apenas uma
quantidade de tinta no papel?

Anderson Kaue Plebani

Se, é quase certo que jamais atingirei uma
verdade absoluta – suprema, uma
resposta que sustente todas as outras
perguntas que já foram ou que virão a ser
feitas, então, qual é o motivo para
continuar questionando?

Galvão Bertazzi

Sabe quando você olha as palavras e percebe que elas são apenas uma quantidade de tinta no papel?

Anderson Kaue Plebani

Elaborar uma definição é como aprisionar o objeto de estudo às palavras utilizadas para descrevê-lo, isso causa grande dificuldade para obter sucesso ao tentar representar o que se quer. Apesar disso, é possível encontrar em livros e manuais escolares algumas tentativas de definições do que possa ser filosofia. E o que normalmente se encontra são características pertencentes à filosofia, em vez de uma definição propriamente dita.

Suellen Rodovanski

Lembro de Sócrates/Platão com seu método de perguntas e respostas. Sócrates diz: “só sei que nada sei”. Esta frase sintetiza de certa forma o que penso hoje sobre a filosofia, ou seja, para mim trata-se de uma eterna busca pelo conhecimento, onde, quanto mais nos aprofundamos, mais percebemos o quão distante estamos do “verdadeiro” conhecimento, se é que existe essa verdade absoluta.

Marcelo Tanaca

Talvez a definição de filosofia seja mesmo um dos maiores problemas filosóficos.

Júlio César F. Neto

A experiência do dia a dia provoca indagações e problemas que jogam o pensamento para um campo de investigação, reflexão e crítica, e como se não bastasse de profunda inquietação. Essa inquietação, de tempos em tempos se manifesta em mim... É uma inquietação, já aprendi, vem da alma; não vou aqui discorrer sobre o que vem a ser a alma, menos ainda a minha, porque, sendo inquieta me escapa. Abarco, ‘a priori’, o que posso e lanço mão da filosofia para aquietar a agonia. Esforço-me para diferenciar o que penso do que penso que sei; investigar os sentidos, encontrar sensatez.

Neusa Monteiro

O ato de filosofar, geralmente no início do processo incomoda e tira a pessoa de sua zona de conforto, deixa sem base. Porém, à medida que traz dúvidas e indagações, revela respostas e conhecimento.

Bruna de Moraes Pasinato

A filosofia, segundo minha concepção, se diz interminável... sua riqueza consiste no observar através da razão, no desenvolver um “músculo” da mente. É a possibilidade a partir daí de se ter uma visão mais profunda ou menos alienada do mundo, que apesar de não me levar à “verdade”, me possibilita aceitar a existência com mais sabedoria.

Heliakim M. Trevisan

Se a filosofia é alguma coisa,
é sem medo da dúvida, não tremer
diante das interrogações...

Maurício Chichorro Schutz

Filosofar é limpar o borrão da vista que ofusca a beleza e a magnitude do mundo e do universo. É se espantar com o que nossos olhos vêem; duvidar dos sentidos e não se acostumar com a normalidade da vida.

Andrea Roque Santos Menconi

Um exercício contínuo da mente que questiona e não se acomoda; que não se cala e não se silencia.

Mario César Firmino

... é a possibilidade de transcendência humana, a capacidade de que só o homem tem de superação.

Laerzio Lopes Scandelari

.... é a única ciência capaz de estudar todas as outras ciências.

Bruna de Moraes Pasinato

... é a ciência que conduz o homem para dentro de si mesmo.

Bruno Braun Batista

A filosofia concretiza-se na interminável busca do saber... o que a torna ao mesmo tempo aterradora e apaixonante, pois não vislumbramos os limites de onde podemos chegar.

Messias Silva Manarim

Com a filosofia podemos tomar uma “vacina cética” e olhar criticamente os problemas do mundo. Fazer de nossos problemas e dúvidas, soluções e respostas.

Lucas Angeli

O estudo da filosofia para mim é isso: a eterna busca do sumo bem, a paz interior pelo conhecimento, a introspecção que nos leva ao crescimento, para que tenhamos um mundo mais justo e belo.

Carlos Antonio Taparello

A reflexão profunda sobre o existir humano nos coloca em “aporias”. Este deslumbrar, despertar de si mesmo, é a questão primordial, na minha opinião, da razão de se fazer filosofia.

Schirlei Russi Von Dentz

O aspecto que julgo relevante é que através da filosofia podemos atingir a felicidade, pois a intensa investigação realizada pela mesma além de nos conduzir ao conhecimento ou próximo a ele, tem como objetivo maior alcançar a felicidade.

Rafael Ferreira de Oliveira

É na filosofia que podemos ver variadas perspectivas com mais profundidade, tanto que nela não cabem ataques às pessoas, mas sim o livre debate de idéias, o que de novo coloca o respeito ao indivíduo.

Messias Silva Manarim

Concluindo, o estudo da filosofia, me ajudará a formar minhas próprias opiniões a respeito dos vários temas que flutuam em minha mente e que precisam de respostas para acalantar a minha sede de saber.

Tadeu Cesar Medeiros Cardoso

Creio muito acertado o nome filosofia que pressupõe ânsia de saber e não posse do saber.

Jederson P. Santos

Do Livro da Sabedoria da Bíblia (12-14)

Resplandecente é a Sabedoria, e sua beleza é inalterável:
os que a amam descobrem-na facilmente,
os que a procuram, encontram-na.
Ela antecipa-se aos que a desejam.
Quem, para possuí-la, levanta-se de madrugada,
não terá trabalho, porque
a encontrará sentada à porta.

Interioridade e
noção de Pessoa:
O que mais
chama sua
atenção no
diálogo de você
para com você?



É a necessidade de tentar entender o que sou, por que acredito em certas coisas e não em outras; por que tenho certos sentimentos que são uma constante na minha vida como: solidão, angústia, medo da morte... Como o sentimento de inadequação e solidão são muito comuns em minha vida, tento sempre entender por que me tornei o que sou hoje e por que tenho a mentalidade que tenho agora. Outra coisa que converso comigo mesmo é como minha infância e adolescência me envergonham hoje.

Alexandre Drausio Rodrigues Fortes

Pensando no que acredito, em minhas crenças, posso então analisar quem sou neste mundo e deixar aquilo que é apenas interior se exteriorizar e tornar isso acessível aos que me rodeiam.

Camila Conaco

O fato de que talvez sejam os momentos em que me percebo presente.

Jairo Salles

Chama-me a atenção o fato de que quando dialogo comigo mesmo parece que não existe apenas eu, mas sim dois indivíduos. Aquele que é simplesmente meu eu dotado de minhas experiências... e meu eu questionador...; às vezes inclusive parece haver discussões entre os dois. O que mais chama a minha atenção é justamente esta capacidade de poder me observar como alguém externo a mim mesma, e avaliar minhas ações, criticar minhas próprias ideias e, permitir assim, através deste diálogo uma evolução em meus pensamentos e atos, pois esta capacidade me permite ser um ser crítico, e não apenas alguém que simplesmente assimila ideias. A consciência de nossos pensamentos nos leva a despertar esta consciência de si.

Cynthia Berwanger Pereira

Sinto como se eu não existisse sozinho. Parece que esse “eu” que existe dentro de minha cabeça é na verdade um outro, como um irmão ou melhor amigo que está sempre ao meu lado nos momentos de solidão. Sendo assim, o que mais chama minha atenção é o feliz fato de eu nunca me sentir sozinho. Às vezes não há ninguém mais divertido para conversar do que eu comigo próprio.

Oberon de Mello Campos de Almeida

Tinha o costume de dialogar comigo como se fosse outra pessoa, e dessa liberdade do pensar, e ainda de se pensar como outro, cheguei a ver em mim uma capacidade de ser um outro eu qualquer. Mas não me aprofundei no método, receosa de quantos outros “eus” haveriam em mim, além de considerar o risco de me perder entre eles. Concluo pensando o quanto é difícil descrever o pensar do pensar, e como tudo o que escrevi está distante do modo que penso meu pensar, e talvez mesmo mil páginas e uma escrita hiperdinâmica ainda não seriam capazes de descrever minha experiência de mim mesma.

Anna Mestriner Rodrigues

...gosto da poesia que se faz nesse diálogo interior e da sua completa reserva em relação a um tempo que quer cada vez mais expor e mostrar-se vulgarmente.

Mateus dos Santos Machado

Numa aula de filosofia, há alguns bons anos, aprendi que a consciência é algo duplicado. Explico: primeiro temos que interagir com o mundo, então esse seria o primeiro “eu”. O segundo “eu” vem de dentro, daquela tal parte que chamamos de consciência. Enquanto o primeiro eu fala para os outros, o segundo encarrega-se de falar para nós mesmos, quase como uma voz interna. Isso pode também, em casos mais intensos, se chamar esquizofrenia, mas acredito eu estar livre dessa. Essa tal voz da consciência, ou “o diálogo de você para você mesmo”, é, sem sombra de dúvidas, a mais severa conselheira que temos. Isso porque é aquilo que tudo vê, tudo viu, e tudo verá de nossa vida. Ela consegue nos julgar da maneira mais íntima... Quando dizemos que uma pessoa é “equilibrada” nos referimos ao equilíbrio de sua consciência, e não apenas no equilíbrio das relações com outras pessoas. Apenas quem consegue administrar o “eu interior” consegue abrir espaço para dialogar com o outro. Só posso concluir uma coisa e me agarrar em uma certeza: não sei muito bem quem eu sou, tampouco para onde vou. Só sei que eu me amo. E por enquanto isso basta.

Isabelle Vanderroost

Suponho que mesmo quando não percebo, por conta de uma ocupação ou outra, há um diálogo comigo mesma; esse diálogo ocorre independente de mim, e percebo isso quando sou interrompida pelo pensamento de algo que esqueci ou recordei... Quando me organizo para pensar, ou seja, quando programo um tempo no dia para pensar em determinado assunto ou decisão a tomar, encontro camadas de pensamentos, umas mais próximas das outras (ideias concisas), outras distantes de tudo (ideias dispersas). Essa distância entre camadas talvez seja o motivo da frequente perda (dispersão de ideias) de raciocínio. Essa perda transforma-se ora numa espécie de reclusão mental, como uma poltrona acolchoada onde minha mente repousa, ora em um momento de sonho ou imaginação, e às vezes o pensamento objetivo perde-se em prol de outro, mais premente ou importante, ou esquecido até então. Do experimentar a minha interioridade, o que mais me chama atenção é essa capacidade de alterar a rota inicial do pensamento, transformando-o em algo inteiramente novo e desconhecido de mim...

Anna Mestriner Rodrigues

Alguns animais como os golfinhos, por exemplo, demonstram ser capazes de identificar a si mesmos quando em frente a um espelho onde sua imagem encontra-se refletida. Algumas pesquisas apontam para o fato dos golfinhos constituírem um grupo seleto de animais capazes de reconhecer o eu quando se deparam com uma imagem de si... O ser humano possui essa consciência do eu e vai além de qualquer animal existente: é capaz de pensar o próprio pensar. Isso ocorre por meio do diálogo consigo próprio.

Cynthia Berwanger Pereira

A complexidade do ser humano é uma coisa engraçada: se mesmo eu, que convivo comigo mesma há vinte e cinco anos não me conheço, curioso é insistir em tentar conhecer o outro, que faz parte da minha vida a muito menos do que isso.

Isabelle Vanderroost

O que me deixa angustiada é que a única conclusão a que posso chegar é a de que nada posso concluir.... Talvez por isso que nesse diálogo que mantenho comigo mesma o que mais chama a minha atenção seja a possibilidade do imprevisível, de ter que decidir minhas atitudes quando as situações se impõem para mim, e não já previamente saber como agir em vista de tê-las imaginado anteriormente” .

Jane Maciel

A verdade
existe?
Como está
relacionada à
sua vida?



No meu entender, a verdade existe, pois se não existisse não faríamos nada no nosso dia-a-dia. Talvez num primeiro momento não possamos chegar até ela, porque não utilizamos um método ou maneira adequada. Mas a alcançamos, mesmo que haja quem afirme que não seja possível conhecê-la.

Messias Silva Manarim

A verdade sem dúvida existe, mas ela chega a cada um de nós em tempos diferentes da vida, e isso faz com que haja muitas visões e pontos de vista diferentes sobre o seu sentido.

Gean da Rosa

Para mim a verdade existe sim, ela é a adequação do nosso discurso sobre o mundo com o mundo, ou seja: um enunciado sobre algo é verdadeiro se realmente descreve as propriedades e características desse algo.

Alexandre Drausio Rodrigues Fortes

Sim, a verdade existe e é convenção humana, ou seja, as verdades que moldam nossa psique e o mundo ao redor são convenções criadas, em meu ponto de vista, única e exclusivamente pelo toque humano.

Cleber Caetano Maranhão

A verdade existe e devemos colaborar sempre para que ela venha à tona.

A prudência costuma ser uma grande aliada... A paciência, a espera e a pesquisa são fortes aliados na perseguição da verdade.

Mario Machado Filho

A verdade não existe de fato, o que existe é o tamanho da fé que nós colocamos naquilo que cremos ser a verdade; e quanto mais nos são dados motivos ou medidas que nos aproximam dessas crenças, maior é a fé que depositamos na verdade gerada pela mesma.

Alex Suraty Ramos

A verdade existe,
independentemente da nossa
vontade individual.

Francys Helen Kroth

A verdade relacionada a minha vida
é algo unicamente prático.

Suellen Rodovanski

A verdade está em Deus, na natureza e no próprio
homem... Penso na minha existência, isso é
verdadeiro. O próprio pensamento de todos os
minutos, isso é verdadeiro... Desta forma, penso
que negar a verdade é tanto ilógico quanto
irracional; a versão de que tudo é relativo se
tornou um 'slogan' da minha geração, então, a
vida não teria sentido, nós não temos propósitos...

E por fim, gostaria de citar a verdade
na qual acredito: "Eu sou o caminho,
a verdade e a vida; ninguém vem ao pai,
senão por mim".

Janaina Cynara Severino

Existe uma grande Verdade absoluta
(Deus); nela se encontram todas as
respostas para as nossas angústias e o
verdadeiro caminho do bem e do
correto. Pois o homem, uma vez
conhecendo-se em Deus, conhece seus
limites e aprende a viver.

Carlos Antonio Taparello

A verdade em minha vida está relacionada a
um mestre muito exigente e ciumento, que
pede o melhor de cada um. Jesus, que
viveu por trinta anos no anonimato...
com três anos de vida pública provocou
a maior das revoluções.

Victor José Grassi

Devo deixar claro a que me
refiro quando busco uma verdade
absoluta. Ela versa sobre uma realidade
definitiva, irreduzível e independente da
consciência, em oposição a outras
ideias de verdade como a inexistência
da verdade, verdade subjetiva
e verdade da ética.

Júlio César F. Neto

Existem dois tipos de verdade. As verdades universais que são referentes ao mundo todo, e que se relacionam e se aplicam a todas as pessoas e a tudo o que existe como, por exemplo, as leis da física. Há ainda as verdades individuais, que fazem referência a alguns casos particulares e pessoais... No entanto, apesar de ser uma verdade particular e se aplicar a um só indivíduo, é também em um sentido amplo, uma verdade universal, pois, a verdade é uma só, aqui e em qualquer ponto do espaço.

Bruna de Moraes Pasinato

Se há uma verdade universal, esta jamais poderá ser alcançada pelo ser humano, pois a verdade teria de ser compreendida como o absoluto; só o absoluto tem “consciência” de si mesmo, e não seres limitados que ainda estão presos ao campo das possibilidades racionais. A racionalidade se faz muito útil para o ser humano, porém esta mesma tem limites. Tendo limites, jamais poderá alcançar a tão cogitada verdade universal..

Ismael Altair Jaques da Silva Bagatoli

Segundo Descartes, não é possível duvidar do ato de pensar porque o pensamento é condição de possibilidade da própria dúvida: se eu duvido, penso; por isso tenho de existir... assim, entendo existirem duas verdades: uma que cada ser humano defende do seu ponto de vista e ainda uma verdade absoluta, guardada por Deus.

Paulo Valente Ferreira Neto

Tais questões nos levam a pensar que pode existir uma verdade, porém ela se diz de formas diferentes. Se ela se diz de muitas maneiras eu não posso conhecê-la com clareza, pois o referencial que tenho é apenas minha consciência (subjativa)... Podemos conceber que a verdade pode estar assim, relacionada a uma questão subjativa do ser. Não posso precisar a existência objetiva do mundo que me cerca, mas posso precisar que existo enquanto ser que é capaz de duvidar das coisas. Portanto a minha existência é, sem dúvida, uma certeza. Porém, a única.

Heliakim M. Trevisan

A verdade interna se manifesta na interpretação adequada da razão e está presente em minha vida, em meus pensamentos e no centro de meu coração. É a luz que me guia e dela é que faço menção.

Neusa Monteiro

Acredito que sim, pois racionalmente estou indo ao seu encontro, principalmente cursando Filosofia e descobrindo obras de diversos autores que demonstraram em seus trabalhos, pensamentos, ideias, conceitos que me embasam para que eu possa desenvolver meu próprio intelecto. O que me preocupa é apenas o tempo, pois não tenho a mínima noção de quanto durará essa busca, mas que para mim a verdade existe, ela existe, pois se não existisse, ela não seria tão buscada.

Marcelo Tanaka

Enfim, a relação mais fidedigna da verdade, na minha vida, e da qual eu não posso fugir é de que ela está ali; às vezes a alguns palmos da minha face ou quem sabe a muitos quilômetros de distância de onde vivo, até mesmo pode estar estampada na minha cara ou já faça parte da minha vida, porém talvez me falem os critérios adequados para aceitá-la de vez e acabar com uma angústia que pode perdurar até o último dia da minha vida.

Vinícius Mund Ferreira Dias

A verdade pode não ser a mesma para todos.

Meu namorado torce por certo time de futebol porque ele acredita que aquele é o melhor time, meu pai discorda e torce por outro time. Meu vizinho defende um partido político. Minha tia é católica, meu irmão é ateu. Ontem tive um sonho que parecia muito real. Ao acordar, por um

segundo, não sabia se estava acordada ou se ainda sonhava.

Caroline Claudiana Pinheiro

Baseada em Santo Agostinho, concluí que a verdade é aquilo que existe. Eu existo, eu sou de verdade... Em minha vida a verdade não é só o que existe, é o que além de existir me leva ao bem e me deixa em paz.

Nicole Nazer

... a verdade está na contemplação e não nas palavras. Ela existe, mas é grande demais para nós que somos tão ínfimos e passageiros. Só o silêncio possui a verdade.

Iurhy Vieira Cattani

Até o presente momento não temos nenhuma teoria “completamente” aceita sobre como podemos nos referir a algo como verdadeiro, portanto, entendo que a verdade na Filosofia é algo que exige uma argumentação muito peculiar para cada proposição com o referido termo...

A verdade existe, mas é para poucos.

Bruno Braun Batista

É evidente que cotidianamente aceitamos algumas proposições como verdadeiras para que possamos viver, e mais descompromissadamente temos convicções que achamos serem verdades, mesmo sem a certeza.

Rafael José de Lemos

Viver em sociedade requer uma dose mesmo que mínima, de mentiras, as chamadas mentiras sociais. Graças a esse mecanismo do nosso raciocínio podemos dizer pequenas mentiras que não tem consequências desastrosas em nosso convívio social. Pautar nossa vida na verdade irrestrita nos tornaria pessoas insuportáveis e até insociáveis.

Iris Gonçalves Martins

O termo verdade só existe porque a linguagem à qual nos referimos sobre todas as coisas é uma linguagem firmada nessa plataforma de bivalência... Até aí tudo bem. O problema com esse termo bivalente surge quando se tenta extrapolar sua aplicação além das limitações da linguagem. Essa tentativa de encontrar no mundo externo a verdade como uma entidade que se mostrará pura e inabalável vem a ser constantemente frustrada, pois a demonstrabilidade da verdade só se dá na relação linguagem e mundo externo.

Anderson Kaue Plebani

Por que dizer que uma ideia do tipo: “fumar causa câncer” é verdade? Essa ideia pode mudar com o tempo, com as modificações do corpo humano ou até com o enfoque dado à medicina.

Fernando Mujica

Eu buscava como
qualquer outro
a verdade, mas
cheguei a uma
caixa vazia.

Laerzio Lopes Scandelari

A verdade é
como o Sol.
Ela permite-nos
ver tudo, mas
não deixa
que a olhemos.

‘Monte de Pedras’, Victor Hugo

O que é
a morte?
Como
você se
relaciona
com ela?

Organizado por:
Mário Machado Filho



Penso que encontraremos uma variedade de respostas às quais não podemos avaliar como verdadeiras ou falsas, pois, não teremos como saber o que acontece, para afirmarmos que a morte é isso ou aquilo.

Schirlei Russi Von Dentz

Gostaria de ter a mesma inocência de quando garoto e acreditar em tudo que meus pais ensinavam-me. Católicos praticantes, diziam-me que temos de ser bons para ganharmos a vida eterna e ir morar com Deus, no paraíso. No entanto, infelizmente, a maturidade fez-me acreditar que não é bem assim.

Tadeu Cesar Medeiros Cardoso

É isso, a morte é o fim, ou o fim de um ciclo, dependendo da crença de cada um. Morte é fato, morte é certeza, e por mais que a tenhamos, por mais que tentemos protelar pensar no assunto, ela chegará e nos levará.

Marcelo Tanaca

O assunto continua sendo obscuro, gerando muitas teorias e polêmicas.

A morte permanece um mistério para os seres humanos, sem termos uma explicação certa ou irrefutável sobre a mesma. É legítimo

considerar a morte como uma passagem e não como um fim, pois,

a própria natureza se mostra mutável, as coisas não deixam de existir, mas sim, transformam-se perpetuamente. O fim de algo não

passa de aparência, ou seja, transformação incessante... A morte

se mostra mais como um mecanismo da vida, do que simplesmente um fim da existência, sendo uma passagem agregada à transformação e ao movimento.

Ismael Altair Jaques da Silva Bagatoli

A morte é algo que não pode ser descrito, pensado, nomeado, algo frente ao qual não encontramos palavras. A própria palavra “morte” não dá conta do que ela seja. Cada um de nós tentará enganchá-la em outras palavras, que expressem ideias, fantasias e crenças, aliá-la a termos como fim, passagem, encontro, paraíso... Mas, essas palavras são pobres para descrever o muito que se imagina e o tão pouco que se sabe. É o que nos aterroriza: o não saber... Não é a morte em si que nos incomoda, mas, o fato de nos depararmos com a dificuldade de viver bem. Pensar sobre a morte é refletir sobre a vida, e nos responsabilizarmos pelo nosso ser hoje, aqui e agora.

Paulo Valente Ferreira Neto

A morte também pode ser compreendida como um produto da história. Ao observar os diversos povos, percebemos que o sentido da morte não é o mesmo para todos. A maneira pela qual um povo enfrenta a morte ou o significado que a ela imprime reflete-se no sentido que se confere à vida.

Caroline Costa de Mattos

Em nossa sociedade a morte e o medo da mesma são parte do cotidiano das pessoas. Elas fazem de tudo para prolongar seus anos de vida, no entanto, nessa mesma sociedade, reina uma cultura da morte, através da indústria bélica, do tráfico de drogas, da violência desenfreada e da falta de respeito pela natureza... A vida é para ser festejada e a morte, também. O morto não fica sozinho; ao ser homenageado por seus amigos, parentes e o povo santo em geral, com comidas, bebidas, cantos e danças, em rituais como o axerê, ele encontrará as divindades que o receberão e o confortarão, pois, a morte não é o fim. Ela representa um recomeço e uma reintegração.

Alex Suraty Ramos

Na comunidade onde cresci, no Ribeirão da Ilha, os mortos ainda são velados durante toda a noite e enterrados no dia seguinte, após uma celebração na igreja matriz do bairro.

Esse velório acontece na casa dos familiares do falecido e, todas as pessoas conhecidas por ele em vida visitam seu caixão, prestando-lhe as últimas homenagens

Caroline Claudiana Pinheiro

Metaforicamente, podemos dizer que a morte pode ser tanto uma parede quanto uma porta, dependendo das crenças de cada indivíduo. Caso seja uma parede, não há nada além dela; o indivíduo morre e sua existência acaba. Caso consideremos a morte como uma porta, o indivíduo pode vê-la, por exemplo, como ressurreição ou reencarnação.

Lucas Angeli

A morte é como uma formatura, e representa o cumprimento de um objetivo em um local. Tendo esse sido cumprido, não nos resta mais motivo para estar lá. É hora da formatura, de encerrar o ciclo e partir em busca da evolução... Observo que não fomos criados para lidar com a morte. Somos educados para vê-la como uma coisa triste e muitas vezes inaceitável.

Nicole Nazer

Em minha mente a morte significa decomposição, pois, tudo que morre se decompõe. Quando penso sobre a morte, tendo a pensar que o “ser” nunca é uno. Em nosso corpo coabitam vários organismos, bactérias, fungos e vírus, que morrem em diferentes momentos, inclusive antes de nós. Creio também que nada se cria ou se perde, tudo se transforma. Assim, a morte de um animal significa alimento para outros, para bactérias e fungos, que poderão se reproduzir, gerando novas vidas. Logo, tivemos um saldo positivo? Uma vida virou cem mil? Acredito que não se mede a vida por números. Aceita-se o ciclo da vida. Há morte para que haja vida, são termos sinônimos. Mas, enfim, pelo certo ou duvidoso, fico com o palpável: “morte é vida, vida em decomposição!”.

Lucas Beligni Campi

Acontece, então, apenas uma transformação... não desaparecemos, apenas mudamos de forma. Assim como a árvore que foi cortada para virar uma cadeira, a substância é a mesma, a árvore.

Janaina Cynara Severino

Quando penso na morte, desejo dar mais valor à vida. O próprio ato de pensar na morte me paralisa. Minha vida é movimento e não posso parar; preciso, sim, aprender a conviver e superar o receio e o medo desse mistério que envolve todos nós.

Victor José Grassi

Fisicamente falando, a morte é a falta de vida no corpo, é o deixar de ser. E não há o que temer durante a vida, pois na morte já não há mais sentidos. Como disse Epicuro: “A morte não é nada para nós, pois, quando existimos não existe a morte, e quando existe a morte, não existimos mais”...

Bruna de Moraes Pasinato

Qualquer animal que para de respirar deixa de existir, se acaba, não retorna como outro, num novo corpo ou em outra espécie, pois, se eu assim acreditasse estaria defendendo a existência de um espírito eterno. Eu mesmo já tive a experiência de ser dado como clinicamente morto, num período de oito horas. Ali, a medicina ficou refém do desconhecido, porém, naquele momento, eu assistia a tudo, como certo morto não morto; não me senti espírito ou qualquer outra coisa. Era somente eu naquela cama de lençóis brancos, perdido diante de mim, limitado diante do desconhecido. Não crio mistérios, fantasias, tudo morre para dar lugar a um outro, toda natureza viva se recicla e para isso deve haver um momento para todos partirem.

Mario César Firmino

A morte é encarada pela sociedade
de um modo um tanto quanto
pessimista, sombrio, e medonho.

Heliakim M. Trevisan

Ela é o fim.

A morte é a falência da saúde.

A morte é a ruína da vida.

A morte é a destruição da existência.

A morte é uma dama silenciosa e perversa.

A morte é a liberdade.

A morte é a certeza inquestionável.

A morte é uma verdade inevitável.

A morte é o término da existência.

A morte é a expressão da tragédia.

A morte é.

Iris Gonçalves Martins

É um dos fatos que nos
acompanham na vida, o
mais intrigante. Desde a
mais tenra idade
construímos nossa própria
concepção da morte, das
mais fantásticas às mais
pueris, todas influenciadas
intensamente pelo meio
social no qual vivemos. A
ciência nos dá informações
sobre as questões técnicas:
paramos de respirar, nosso
coração deixa de bater,
perdemos nossos
movimentos e nossa
capacidade cognitiva. Inerte
e frio, nosso corpo vai
enrijecendo e começamos a
putrefazer. Essa pessoa não
pode mais ser mantida entre
nós, devemos enterrá-la,
construímos uma sepultura e
passamos a visitar esse local
com certa frequência, até
que chegue a nossa vez.

Mario Machado Filho

É preciso
desconfiar
da própria
razão?

Organizado por:
Mário Machado Filho



A meu ver, a razão enquanto uma faculdade humana, não dá conta de expressar absolutamente o mundo que nos cerca. Talvez, nem seja essa a questão, ...mas quando se propõe a tal coisa ela é incapaz.

Heliakim M. Trevisan

É através da razão que podemos estar minimamente perto de algum conhecimento, é com ela que fazemos indagações, e até a própria desconfiança da razão é um fruto dela mesma.

Rafael José de Lemos

A razão, pois, é o que nos permite mover para além das aparências, para além das conclusões precipitadas, e assim, movendo-se sempre, sempre adiante, acima e além, deve questionar a si mesma e duvidar, ser humilde quanto a seus limites. Em termos platônicos, a razão não pode ser sua própria caverna.

Mauricio Chichorro Schutz

A palavra razão vem do grego “logos” e do latim “ratio”, que remetem aos significados de juntar, calcular, reunir.

Paulo Valente Ferreira Neto

A razão, para que possa nos proporcionar um grau maior de felicidade, tem de estar relacionada a algo mais, não necessariamente à fé cristã, mas à crença de algo superior. O que é esse algo superior? Eu, ainda estou em processo de descobrimento.

Marcelo Tanaca

Parece razoável dizer que a nossa razão dá conta da compreensão de tudo que nos cerca, seja material ou não. É marcante vermos que as pessoas atribuem à razão a sensatez, tanto que escutamos frases do tipo: “não é racional comprar esse carro”. Mas, isso não é suficiente, pois, essa é a visão do senso comum, e cabe aqui colocar que a razão tem acepções diversas, não sendo unívoco o entendimento sobre a mesma. Ou ainda, podemos dizer que em uma visão mais contemporânea, a razão está extremamente atrelada à ciência e aos seus resultados.

Essa visão de razão possibilitou o surgimento do nazismo, a aspiração de uma sociedade científica levada ao extremo... O benefício da dúvida é um dos atributos mais importantes do pensamento, pois, com ele avançamos na crítica e no questionamento sobre a adequação da nossa razão. Às vezes, ela nos conduz a situações tão abstratas que não sabemos se são delírio ou realidade.

Messias Silva Manarim

Dado que a razão é falha e limitada, sempre levará a um único sentido, a saber: o equívoco... Raciocinar é reler e interpretar, ou em outras palavras, afastar-se do real. Além disso, encaro a razão como um jogo de quebra cabeças, o homem montando suas regras e moldando seu funcionamento, e quando elabora alguma imagem, mero encaixe de peças, comemora e infla seu ego como se tivesse descoberto algum mistério sobrenatural. Esquece que, como disse Alberto Caeiro: “o único sentido íntimo das coisas é elas não terem sentido íntimo algum”.

Nesse modelo, a razão seria apenas diversão, como um brinquedo infantil. E o filosofar, como roda-gigante da mente. Serão os cientistas apenas crianças se divertindo?

Montando com rigor seus quebra-cabeças? Espero que sim, pois, deixarmos nosso lado infantil sobreviver até idade avançada é um grande mérito.

Lucas Beligni Campi

Se em certos momentos desconfiamos da razão, considero-os momentos de demência, de perda do próprio eu. A razão é nossa guia para conseguirmos dominar nossas concupiscências, nossos sentimentos exagerados, é uma instância controladora. É fácil perceber, entretanto, que o inverso disso é frequente na vida das pessoas, ou seja, é comum deixar-se dominar pelos sentimentos, pelos impulsos, e assim, a razão acaba sendo por vezes deixada em último plano...

Schirlei Russi Von Dentz

A razão sozinha não se basta, pois, na aquisição de conhecimento é preciso que algo nos impulse nessa busca, num processo contínuo e conjunto... temos os cinco sentidos, por meio dos quais seriam geradas dúvidas e curiosidades que impulsionam a busca não só por conhecimento, como por uma verdade. Mas, pelo que me parece, assim como a razão, os sentidos também não se bastam na aquisição de conhecimentos confiáveis. Assim sendo, seria preciso uma organização das informações obtidas pelos sentidos, trabalho este, realizado pela própria razão a qual processa as informações adquiridas e descarta as irrelevantes. Em uma passagem de Agostinho ele nos diz que: “a fé expande a razão”, o que me faz pensar que sem crença em algo não é possível o impulso pela busca do conhecimento.

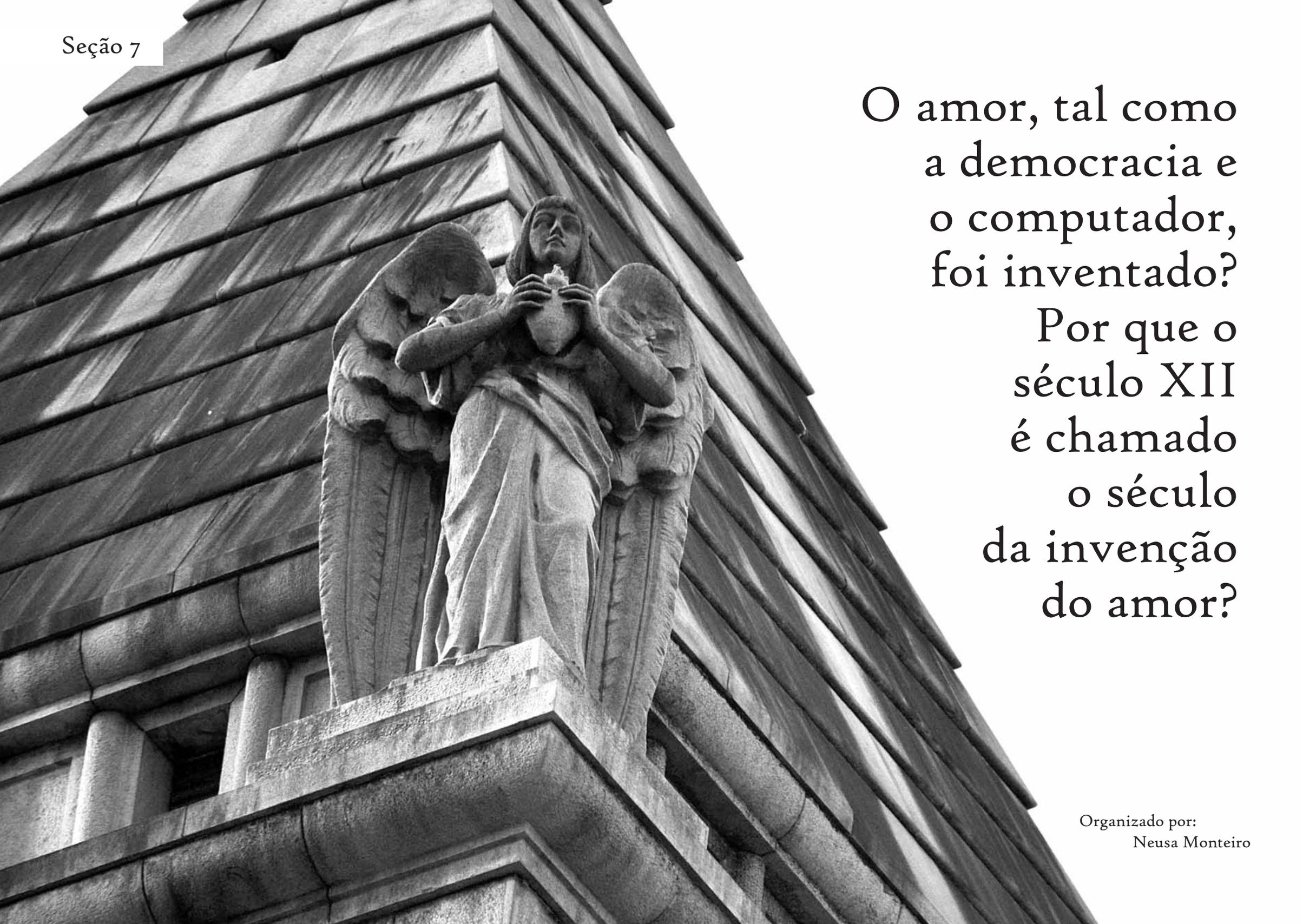
Suellen Rodovanski

Mas, seria a razão infalível e deveríamos entregar-nos a ela cegamente? Sem nos darmos conta, somos afetados pela mídia, sociedade, ideologias, o inconsciente, além dos determinantes genéticos de nossa mente que podem nos conduzir sem a menor desconfiança de nossa parte. No entanto, não há motivos para desespero ou atitudes céticas.

O grande trunfo está em não agirmos por impulso ou de maneira leviana, sem levantarmos todas as hipóteses e suspeitas, ou esquecendo a alteridade da experiência do outro no mundo. Usar a razão com confiança, exige de todos nós uma série de estratégias; diria que, certo misto de policiamento e prudência, um constante informar-se, uma procura incessante pelo esclarecimento aliada ao bom senso e autoconhecimento, sem nunca perder a consciência de suas limitações.

Refiro-me à razão como uma construção, um projeto de vida, o nosso aperfeiçoamento diário como ser humano. Assim, confio na razão, primeiro desconfiando de minhas opiniões iniciais, estando alerta para toda manipulação interna e externa que possa ocorrer-me, e a partir daí ficar seguro de que é realmente meu o que está a fluir.

Mario Machado Filho



O amor, tal como
a democracia e
o computador,
foi inventado?

Por que o
século XII
é chamado
o século
da invenção
do amor?

Desde criança ouvimos histórias fantásticas sobre cavaleiros resgatando princesas em castelos... Assistimos a filmes e seriados e vemos nos livros histórias de aventura sobre as justas praticadas durante a era dos reis e rainhas, justas estas que davam ao vencedor das competições o destaque necessário para conquistar a mulher amada. Mas, será que é deste período histórico que vem o amor? Sentimento que inspirou e ainda inspira milhares de poesias, sonetos e canções?

André Gustavo de Andrade Fagundes

O amor parece ser um sentimento que sempre existiu entre os humanos... porém, é necessário fazer uma distinção entre os diversos tipos de amor. Pode-se dizer que, somente a partir do século XII, o amor como um sentimento idealizado passou a existir...

Esse tipo de “amor” nasce no seio da aristocracia medieval, na poesia dos trovadores... mas ao longo do tempo vai se espalhando pela sociedade...

Luciana Scheuer Brum

O amor é definido pelos dicionários como “sentimento que induz a aproximar, a proteger ou a conservar a pessoa pela qual se sente afeição ou atração; grande afeição ou afinidade forte por outra pessoa”... Em uma de suas passagens, Shakespeare demonstra a importância do amor com a seguinte frase: “É muito melhor viver sem felicidade do que sem amor”. O filósofo grego Aristóteles já falava em amor e amizade... o amor, no entanto, é sempre relacionado ao século XII, como sendo esta a época de sua criação. Pode-se dizer que o medieval fundamenta um novo tipo de amor, o amor romântico, o amor cortês...

Natália Domênica Eyng Rattin

O amor cortês revela as relações afetivas entre homens e mulheres quase como uma vassalagem, onde um presta ao outro um “serviço” afetivo. A pessoa que se enamora de outra torna-se seu vassalo mas... ao mesmo tempo que “sofre” discretamente por amar, regozija-se nesse amor... A discrição foi um dos pontos importantes desse “amor cortês”... Na obra *A História da Vida Privada: da Europa Feudal à Renascença*, Georges Duby afirma que o amor cortês foi mais do que uma competição esportiva tendo como prêmio a mulher amada; o que estava em jogo era, sobretudo, o desejo pela autonomia pessoal em meio a uma sociedade fortemente comunitária. Assim, uma das regras fundamentais desse amor, fino e delicado, era a discrição e o segredo...os amantes deviam dissimular seus sentimentos, recolhendo-se no interior da sociedade cortês... O amor fino e delicado era incompatível com o matrimônio, instituição convencional estruturada a partir de interesses políticos e econômicos... O amor cortês, desta forma, subverteria essa estrutura, dando à mulher a possibilidade de um novo papel, o papel de amante e amada, reverenciada pelo homem que a cobiçava.

Luciana Scheuer Brum

... mas, esse “amor” que lá existiu, certamente não se compara em nada ao conceito atual de amor. Quando pensamos hoje, em amor, estamos pensando num “amor” que carrega consigo mais de seis mil anos de história... De certa forma acredito que o amor foi inventado, no entanto, é prudente especificar exatamente de que tipo de amor estamos falando... Conceitos universais como “amor”, por exemplo, sofrem mudanças de acordo com a história... O amor cortês ou amor gentil é fruto, pois, de um desenvolvimento histórico e conceitual...

Oberon de Mello Campos de Almeida

Acredito que o “amor” como sentimento não tenha sido inventado... porque como os demais sentimentos, pertence ao nosso emocional... O que acredito é que, em algum período, o nome amor, love, amour, etc., tenha sido inventado para designar um sentimento, assim como inventamos nomes para todas as coisas que conhecemos... O amor nem sempre esteve em evidência... Hoje, devido a desvalorização dos sentimentos mais elevados, não tem sido muito praticado... Por mais que, ao abrirmos nossos computadores, o que mais encontremos seja a palavra “amor”, isso nada mais nos mostra do que o reflexo de uma sociedade hipócrita, que prega que devemos acreditar no amor, no amor ao próximo, no amor à natureza, no amor aos nossos familiares...

Cinthia Berwanger

O amor se expressa, apesar da nossa vontade, e ganha conotações exageradas por intermédio da razão humana. Amor como expressão puramente orgânica... Tal como o conhecemos, o amor não passa de um impulso fisiológico, como qualquer outro, que foi vítima do imaginário do século doze e atrelado a diversos idealismos românticos. Apenas uma invenção criativa. Não importa se o amor é uma expressão diretamente natural ou se lhe damos os sentidos mais fantasiosos..., ele existe. Como um indivíduo que, fora das suas faculdades mentais comuns, passa a acreditar possuir asas e salta de um edifício: naquele instante suas asas foram tão reais quanto a de uma ave qualquer. ... é uma questão de fé: o amor só passa a existir quando acredito nos romances e outras intervenções criativas. Todavia, amar está muito além da minha capacidade cognitiva. Em outros termos, é possível fugir do amor?

Lucas Campi

Não acredito que o termo “inventado” seja o termo correto...para mim o amor é aprendido, descoberto, nas mais diversas formas... Santo Agostinho, depois de experimentar o amor terreno, o dirigiu para Deus e, como ele, muitos outros assim o fizeram. Hoje, por exemplo, estamos redescobrimo o amor, não aquele amor romântico, quase platônico, ou o amor de Ovídio em sua obra *A Arte de Amar*, mas um amor que é mais uma busca do outro pelo que o outro é. Aqui, encontros fortuitos e passageiros não tem mais nenhum valor...

Vejo o amor entre os homens como a comunhão entre corpo e espírito...

Carlos Antonio Taparello

Bem, talvez o debate mais intenso que atravessa a história da filosofia seja aquele que questiona se temos ou não uma natureza. Há, de fato, algo no ser humano que se possa chamar de natureza humana?

Ou todas as suas manifestações são, de alguma forma, construções sociais?...

Entendido como mais um dentre os vários sentimentos humanos, tais como a raiva, o medo, a tristeza, etc., é difícil imaginar que o amor seja fruto de uma construção.

Uma cultura influi, certamente, sobre esses sentimentos, estimulando uns e abafando outros..., mas não os cria, num sentido literal.

Anderson Elias

Penso que o amor seja uma necessidade... surgiu a partir de uma necessidade cultural, assim como a linguagem falada... Agora, um católico já diria que não, pois para ele o amor veio com a morte de Jesus, que morreu na cruz para nos salvar e, pensando por esse lado, foi Deus, então, quem nos deu o amor.

Camila Conaco

Vivemos em uma sociedade onde a vida é organizada por regras e comportamentos morais, culturais e religiosos, de forma que o amor vai sendo assim reconstruído, ou seja, ele tem uma forma nova para cada nova sociedade que surge... também a democracia... para legitimá-la é preciso que o ideal democrático seja o ideal político da sociedade... Acredito que amor existe desde os tempos mais remotos, contudo, ele é reinventado como o elo de união entre nós.

Gisele Sandra dos Santos

Por fim, vale especular que o amor talvez nunca tenha sido inventado, ou até mesmo conceituado, talvez a experiência do amor possa ser apenas sentida...

André Gustavo de Andrade Fagundes



O livre-arbítrio
e a liberdade
manifestam-se na
sua experiência?

Sou livre quando não me rendo à
ilusão e também quando evito em mim,
frustração. Sou livre quando consigo
criar, estar aqui e agora, libertando o
que há de melhor em mim...

Neusa Monteiro

Liberdade, talvez seja ter autonomia
sobre si mesmo, ir para onde quiser, fazer
o que quiser fazer, mas não seria, de certo
modo, o contrário de liberdade apresentar
essas definições?

Rafael J. Lemos

Assim sendo, vejo a liberdade como não
estar preso a coisa alguma, coisa que
tenho experimentado enquanto durmo,
ou talvez, ela possa ser a própria morte.

Rafael J. Lemos

A cidade é um cercado que
limita até onde podem ir nossas
vontades. Pule a cerca e será
realmente livre, só na natureza o
homem conhece a livre vontade.

Iurhy Cattani

A liberdade e o livre-arbítrio fazem
parte de nosso cotidiano, talvez não
na sua concepção pura, mas dentro
de certos parâmetros que nos
permitam viver em sociedade.

Marcelo Tanaca

Estar nos referindo a uma liberdade parcial é o que aniquila a essência da liberdade. Não pode haver liberdade nas sociedades, não em sua máxima realização. Somos atravessados diariamente por influências externas incontáveis que não nos permitem agir por nós mesmos em nosso livre uso da razão. Só quando esquecemos que dentro de nós há milhares de seres – como bactérias, fungos e vírus – que nos influenciam de várias maneiras. Influência externa somada a interna.

Lucas Campi

Com tantas variáveis existentes – dentro e fora do nosso corpo – como falar em espontaneidade e autonomia? Existe algo maior que a liberdade?

Felipe Afonso Scurato

A liberdade
ou é total
ou não existe.
Jean-Paul Sartre

FIM

Todos os temas deste livro relacionam-se, de certa forma, aos questionamentos sobre a “não existência” da Idade Média. É isso mesmo. A partir da discussão da necessidade de uma nova cronologia para nossa história, e a partir de reflexões principalmente sobre os períodos patrístico (notadamente Agostinho) e escolástico são apresentados aqui pensamentos sobre o legado e influência desses períodos.

A Idade Média concebida como Idade das Trevas - um desses desvios históricos cuja anomalia o distanciamento torna cada vez mais patente - lentamente perde força. À lenda negra dos renascentistas e iluministas contrapõe-se a lenda rosa dos românticos: a Idade Média representaria não a derrocada (barbárie), mas o auge da civilização ocidental, em que se teriam realçados os valores espirituais.

Todavia, nem negra, nem rosa, podemos ir mais além: não teria existido período mediano algum, de 1000 anos (a Idade Média), ou um hiato entre a civilização da Roma antiga e a nova Europa civilizada.

Não se trata apenas de uma questão terminológica (a expressão “Idade Média” já seria em si mesma preconceituosa e arbitrária) e, portanto, de criticar uma cronologia hoje obsoleta, que divide a História Ocidental, a partir de uma visão eurocêntrica, em três períodos presos a uma camisa-de-força conceitual (História Antiga, Medieval e Moderna).

O conceito “Idade Média” é recusável e deveria ser suprimido: ele nos distancia “uma” época - cuja realidade histórica como unidade é questionável -, tornando-a remota e distinta, como um período que, hoje, pouco tivesse a ver com nossas vidas e destinos. No entanto, foi aí que os alicerces da nossa civilização se lançaram...

Mariana Paolozzi Sérvulo da Cunha

Todas as imagens contidas nesta obra são de autoria de André Bogdan - Aloby, cedidas para esta publicação.



Florianópolis 2016

ISBN 978-856050122-9



9 | 788560 | 501229